

Desigualdades sociais e desempenho escolar no Brasil: o que revelam os microdados do ENEM 2021?

Social inequalities and school performance in Brazil: What the ENEM's 2021 microdata reveal?

Resumo

O sistema escolar é considerado um dos mais eficazes instrumentos de mobilidade social no Brasil. Seria a escola realmente capaz de superar as desigualdades socioeconômicas apresentadas entre os diversos estudantes? Diante desta discussão, que levanta grandes debates no campo da Sociologia da Educação, este trabalho buscou compreender se, na contemporaneidade, a herança cultural e o capital econômico exercem influência significativa nos resultados escolares. A partir da correlação dos microdados do ENEM 2021 foram analisados os impactos da renda familiar, da escolaridade dos pais, da dependência administrativa da escola e da cor/raça no desempenho dos estudantes. Os resultados constataram que tanto o capital econômico quanto o cultural ainda exercem influência significativa no desempenho escolar.

Palavras-chave: Desigualdades Socioeconômicas; ENEM. Avaliação Educacional. Sociologia da Educação.

Abstract

The school system is considered one of the most effective instruments of social mobility in Brazil. Would the school really be capable to overcome the socioeconomic inequalities presented between different students? In the light of this discussion, which raises significant debates in the field of Sociology of Education, this work sought to understand whether, in contemporary times, cultural heritage and economic capital still exert significant influence on school results. From the correlation of the microdata from ENEM 2021, the impacts of family income, parental education, school administrative dependence, and color/race on student performance were analyzed. The results found that both cultural and economic capital still exert significant influence on school performance.

Keywords: Socioeconomic Inequalities. ENEM. Educational Assessment. Sociology of Education.

**Raquel Callegario
Zacchi**

Instituto Federal de
Educação, Ciência e
Tecnologia Fluminense,
Campus Campos Centro;
Doutora em Sociologia Política
pela UENF;
raquelcallegario@yahoo.com.br

**Daniel Teixeira de
Menezes**

Universidade Estadual do
Norte Fluminense Darcy
Ribeiro (UENF); Mestre em
Administração pela UFF.
daniel.menezes@ifsudestemg.edu.br

Marlon Gomes Ney

Universidade Estadual do
Norte Fluminense Darcy
Ribeiro (UENF); Doutor em
Economia Aplicada pela
Unicamp.
marlonney@uenf.br

Introdução

A expansão das políticas públicas de acesso à educação formal possibilitou e vem permitindo o ingresso maciço das crianças e dos jovens das camadas populares¹ no sistema de ensino. A chegada destes jovens às cadeiras escolares vem recheada de expectativas, sonhos e até mesmo esperança de a partir da educação conseguir alcançar uma condição de vida melhor. Essa esteira da “democratização” do ensino público propicia o debate contemporâneo sobre o papel e as condições da escola na e para a superação das desigualdades socioeconômicas e culturais. A escola estaria apta a exercer o papel de promotora da mobilidade social? Boudon (1974) já alertava sobre a controversa relação entre a expansão escolar e a estratificação educacional, evidenciando que a primeira não leva necessariamente à atenuação da segunda.

Na vanguarda dos estudos sobre estratificação educacional e da influência das desigualdades socioeconômicas nos rendimentos escolares, Bourdieu (1930-2002) direcionou as suas pesquisas para o campo da Sociologia da Educação e marcou profundamente as Ciências Sociais.

Bourdieu e Passeron (2012, 2015) romperam com as até então aceitas explicações fundamentadas na perspectiva de que o sucesso escolar era baseado unicamente em aptidões naturais e individuais (dons). Eles trouxeram para o debate o questionamento sobre como as condições sociais e culturais dos estudantes influenciavam ou até mesmo determinavam os resultados escolares. Segundo esses autores, a escola não conseguia superar as desigualdades sociais e o desempenho dos estudantes seria impactado pela transmissão familiar da herança econômica e cultural (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015). Dessa maneira, o destino escolar de cada indivíduo estaria relacionado diretamente à sua origem social (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015; Nogueira e Nogueira, 2016).

Para Bourdieu e Passeron (2012) no campo educacional os detentores de maior capital cultural² possuiriam vantagem significativa perante aqueles que não o detêm. A partir da concepção resumida destes autores, o capital cultural é

¹O termo “camadas populares” vem sendo utilizado de forma recorrente nas pesquisas educacionais brasileiras. Referência na literatura nacional, Viana (1998) define entre as principais características deste grupo de estudantes a sua origem em famílias com dificuldades econômicas (baixa renda) e o baixo nível de escolaridade dos pais.

²Bourdieu detalha e apresenta o capital cultural em três formas distintas: em seu estado incorporado, objetivado e institucionalizado (c.f. Bourdieu, 2007).

compreendido como o nível de conhecimentos, habilidades, informações, acesso aos bens culturais e apropriação do significado destes – um conjunto de qualificações intelectuais de cada indivíduo.

A teoria de Bourdieu remete à distribuição, ao acesso e, prioritariamente, à herança familiar na forma de capital cultural, recebidos desigualmente entre as crianças das diversas classes sociais³; como na compreensão do capital cultural adotado, reconhecido e legitimado pelo sistema escolar. Bourdieu e Passeron (2012, 2015) destacam que a cultura adotada e referendada pela escola está ligada diretamente à cultura das classes mais favorecidas (elite)⁴.

As classes mais favorecidas possuiriam e transmitiriam aos seus filhos um determinado patrimônio cultural constituído de normas de falar, conduta, valores, entre outros considerados como a cultura legítima, adotada pelo sistema educacional (Bourdieu; Passeron, 2012; 2015; Nogueira; Nogueira, 2016). Já os estudantes oriundos das camadas populares, ao ingressarem no sistema escolar, se deparam com uma linguagem que não lhes fora transmitida ou herdada naturalmente no seu meio familiar.

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros das classes cultivadas, porque constituem a cultura dessas classes. Não recebendo de suas famílias nada que lhes possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos de classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a serem repreendidos pela escola por suas condutas por demais escolares (Bourdieu, 2007, p. 55).

O sistema de ensino, ao adotar formalmente a cultura ligada à elite, enfatiza a constatação de que no interior de uma sociedade de classes existem diferenças culturais. A adoção, pela escola, do patrimônio cultural ligado a determinada classe social, proporciona condições privilegiadas aos seus membros (Bourdieu e Passeron,

³O conceito “classe social”, na concepção de Bourdieu, segue uma visão que não envolve apenas a posição na estrutura produtiva. Está ligado à variedade e ao volume de capitais (social, econômico, cultural etc.) que os indivíduos possuem. Uma posição social definida pelo volume e pela estrutura dos capitais econômico e cultural (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015; Voigt, 2018).

⁴A adoção do termo “classes mais favorecidas” ou “elite” segue a concepção abordada na nota n. 3. Refere-se a uma posição na estrutura das relações de classe (c.f. Voigt, 2018).

2012, 2015). Apesar de uma concepção encarada como arbitrária, “a cultura escolar seria socialmente reconhecida como a cultura legítima, como a única universalmente válida” (Nogueira e Nogueira, p. 28, 2002).

Os indivíduos, a partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar, que corresponde a uma posição específica na estrutura social, incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição, um *habitus*⁵ familiar ou de classe que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação, inclusive, ou principalmente, no escolar (Nogueira e Nogueira, 2002). É o *habitus*, o conjunto de disposições do indivíduo que sistematiza todas as formas de agir, pensar e perceber dos agentes (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015). Desta forma, o *habitus* adquirido, herdado na e da família, atua no princípio da recepção e da assimilação da mensagem escolar (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015).

Ao ingressarem no sistema de ensino, os estudantes se deparam com códigos específicos do universo escolar. A compreensão e a aprendizagem dos conteúdos são ligadas diretamente às habilidades remetidas a conhecimentos e aptidões recebidas e herdadas fora da escola, a partir da posição social de cada aluno. Nas palavras de Nogueira e Nogueira (2002, p. 30):

Bourdieu observa que a comunicação pedagógica, tal como realizada tradicionalmente na escola, exige implicitamente, para o seu pleno aproveitamento, o domínio prévio de um conjunto de habilidades e referências culturais e linguísticas que apenas os membros das classes mais cultivadas possuiriam. Os professores transmitiriam a sua mensagem igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Esses instrumentos seriam possuídos, no entanto, apenas por aqueles que têm a cultura escolar como cultura familiar, e que já são, assim, iniciados nos conteúdos e na linguagem utilizada no mundo escolar.

Desta forma, os sistemas de disposições dos estudantes das classes mais favorecidas assimilam quase que de forma espontânea ou automática os valores e saberes transmitidos no ambiente escolar. Para os estudantes das classes populares, a escola representaria uma ruptura no que tange aos valores que lhe são familiares e até então adotados em sua prática (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015). O ingresso

⁵Conceito-chave na Teoria da Reprodução é o *habitus*, que possibilita uma explicação articulada entre o social e o individual, entre as estruturas internas da subjetividade e as externas traduzidas nos determinismos sociais (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015; Trigo, 1998).

deles nas escolas significaria a aprendizagem de novos padrões ou modelos de cultura, que são legitimados pela escola.

Desse modo, aqueles que mais cedo tiveram acesso à cultura adotada pelo sistema de ensino, graças à sua origem social, possuem vantagem quando comparados aos estudantes pertencentes às famílias das camadas populares, que não tiveram acesso previamente à cultura legitimada e consagrada pela escola (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015).

Passados mais de meio século da publicação das obras *Os Herdeiros*, de 1964 e *A Reprodução*, de 1970 – que moldaram a teoria da Reprodução do Sistema de Ensino de Bourdieu e foram precursoras nas discussões sobre a relação direta entre o sucesso escolar e a origem social do estudante – o debate sobre a estratificação social no meio educacional ainda se faz presente em diversas áreas de conhecimento e de forma latente dentro do campo da Sociologia da Educação.

Nesse debate, outras correntes do pensamento sociológico levantam a discussão, moldadas por novos contextos de socialização e marcadas pela singularidade e pela pluralidade dos atores, cada vez mais afetados por uma multiplicidade de influências em sua trajetória escolar (Lahire, 2005; Martuccelli, 2007; Setton, 2005). Dessa forma, a família não mais possuiria tamanha influência ou determinismo no sucesso escolar do estudante.

Nesse contexto, o artigo questiona: na contemporaneidade, o perfil socioeconômico do estudante ainda exerce influência significativa em seus resultados escolares? As heranças cultural e econômica ainda influenciam no desempenho dos estudantes?

A partir de uma das mais importantes ferramentas de avaliação educacional do país e a principal porta de entrada dos estudantes no Ensino Superior, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁶, buscou analisar a relação da renda familiar, da escolaridade dos pais, da dependência administrativa da escola e da cor/raça no desempenho dos estudantes no ENEM 2021.

⁶O ENEM foi implementado em 1998 como ferramenta nacional de avaliação da Educação Básica. No ano de 2009 sofreu alterações em sua metodologia e passou também a ser utilizado como ferramenta de seleção para o acesso ao Ensino Superior via Sistema de Seleção Unificada (SISU), e Programa Universidade para Todos (PROUNI).

A escolha destas variáveis⁷ como base para o desenvolvimento deste trabalho não se deu de forma aleatória. No contexto das pesquisas educacionais, a escolaridade dos pais é considerada uma das principais variáveis associadas à cultura familiar herdada pelos estudantes. Não menos importante, entende-se que na contemporaneidade a disponibilidade de capital econômico ainda exerce influência no desenvolvimento da criança, sendo plausível considerar que famílias que possuem um capital econômico mais elevado propiciam aos seus filhos melhores condições e oportunidades educacionais (Bonamino *et al.*, 2010). Sendo a variável renda familiar uma das mais usadas no campo educacional para mensurar o acesso ao capital econômico, sobretudo nas pesquisas que utilizam grandes bases de dados.

Explorar e comparar o desempenho no ENEM a partir da dependência administrativa da escola (particular, federal, estadual, municipal) e da cor/raça dos estudantes, se apresentou como um caminho complementar para se discutir as desigualdades nos resultados educacionais, a partir da compreensão que estas duas variáveis não estão desvinculadas das desigualdades sociais. Neste mesmo sentido se apresentam os resultados dos candidatos por unidade da federação, na perspectiva de enfatizar as desigualdades e diferenças de perfil dos estudantes por estados brasileiros.

1 Tratamento dos dados e metodologia de análise

Este trabalho se baseia na análise documental, em dados secundários disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mais precisamente os microdados referentes ao ENEM 2021. A pesquisa se classifica, predominantemente, como descritiva, auxiliando no estudo das características dos estudantes do Ensino Médio brasileiro e colaborando com a identificação da existência de relações entre variáveis socioeconômicas e desempenho escolar (Gil, 2002).

⁷A relação estabelecida entre herança cultural e capital econômico com as variáveis escolaridade dos pais e renda familiar, respectivamente, são consagradas na literatura educacional e se inserem a partir de uma abordagem quantitativa de análise, não excluindo que outras variáveis podem impactar no acesso a ambos os capitais (c.f. Brooke e Soares, 2008).

Os microdados disponibilizados pelo INEP, referentes ao ENEM 2021, foram tratados em *software* estatístico e contavam inicialmente com 3.389.832 candidatos. Estes são divididos pela sua situação em: já concluiu o Ensino Médio; estou cursando e concluirrei o Ensino Médio em 2021; estou cursando e concluirrei o Ensino Médio após 2021 (treineiros); não concluí e não estou cursando o Ensino Médio. Metodologicamente mostrou-se mais viável e adequado direcionar a pesquisa aos estudantes que estavam cursando o Ensino Médio e que o concluirão no ano de 2021 (ou seja, ano de realização do exame), sendo os demais excluídos.

No tratamento dos dados também foram retirados os candidatos que não compareceram em algum dia da aplicação do exame, os que tiveram as suas redações anuladas ou deixadas em branco e, por fim, os que não informaram a dependência administrativa de sua escola de origem, inviabilizando a comparação do desempenho entre as instituições públicas e privadas. Após o tratamento dos dados, direcionamento aos concluintes do Ensino Médio no ano de realização do exame e exclusão dos *missing cases*, o banco de dados totalizou 592.828 candidatos. Deve-se destacar que o exame ocorrido no ano de 2021 foi o primeiro realizado após o início da pandemia de Covid-19 no Brasil, o que afetou diretamente no quantitativo de participantes inscritos, em um maior número de faltantes e em uma média de resultados mais baixa, dada a conjuntura que antecedeu o exame.

2 A influência da escolaridade dos pais no desempenho dos candidatos

Nos fundamentos da teoria bourdieusiana é estabelecida uma relação entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança (Bourdieu; Passeron 2012; 2015). Este trabalho utilizou e analisou a relação entre a escolaridade dos pais e o desempenho dos candidatos no ENEM 2021 como caminho metodológico para compreender como e se há influência ou relação entre capital cultural familiar e o rendimento escolar.

A tabela 1 apresenta o desempenho dos estudantes na prova objetiva, considerando como ponto inicial a média do rendimento dos candidatos em que ambos os pais nunca estudaram (445,39, menor média), trazendo o percentual de diferença entre os níveis na medida em que a escolaridade dos pais aumenta. No sentido horizontal quando a escolaridade da mãe aumenta, no sentido vertical

quando a do pai aumenta, e na transversal quando há acréscimo na escolaridade de ambos.

Tabela 1 – Diferença percentual no desempenho na prova objetiva do ENEM 2021 por grau de escolaridade dos pais, comparado ao rendimento dos candidatos de pais que nunca estudaram.

Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe						
	Nunca estudou	Fund. I Incomp.	Fund I Comp.	Fund. II Completo	Ensino Médio	Ensino Sup.	Pós-grad.
Nunca estudou	445,39	2,79	4,22	4,27	6,54	10,6	8,18
Fund. I Incompleto	2,88	3,88	6,56	7,73	9,52	12,52	13,23
Fund I Completo	3,61	7,56	7,00	9,25	12,13	15,81	16,06
Fund. II Completo	5,26	9,33	10,12	8,70	13,29	17,73	17,81
Ensino Médio	5,30	10,13	12,34	13,28	15,43	20,90	21,81
Ensino Superior	9,52	13,05	16,54	18,60	22,27	28,04	29,67
Pós-graduação	3,60	12,24	14,71	17,24	22,77	31,07	31,84

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

A análise da tabela 1 mostra uma média percentual crescente no desempenho da prova objetiva conforme a escolaridade dos pais vai se elevando. A diferença do nível mais alto de escolaridade comparado a quando os pais nunca estudaram chega a 31,84%. Apesar da média de desempenho dos candidatos ter se apresentado continuamente em aumento, conforme a escolaridade dos pais progride, os dados evidenciam um maior percentual de evolução do ensino médio para níveis mais elevados de escolarização.

Destaca-se que, quando apenas um dos pais possui maior grau de escolaridade, o deslocamento percentual é significativamente menor do que nos casos em que ambos possuem um maior nível de educação formal. Quando o grau de escolaridade dos pais se encontrou muito distante ou até mesmo em lados opostos da tabela, o percentual de impacto no resultado foi relativamente mais baixo. Os dados registram que a escolaridade isolada de apenas um dos pais produz um efeito significativamente reduzido, quando comparado à situação em que ambos possuem maior nível de

escolaridade. Esse quadro se agrava quando a mãe possui menor grau de instrução escolar, visto que, de maneira geral, a maior formação materna apresentou maiores percentuais no rendimento do estudante, revelando que a transmissão geracional da herança cultural é particularmente maior da mãe para o filho.

Se na prova objetiva os resultados dos estudantes ficaram alinhados com o grau de escolaridade dos pais, segue-se a mesma estrutura no desempenho médio obtido na prova de redação. Assim como os dados apresentados acima, a tabela 2 mostra a média do rendimento dos candidatos na redação nos casos em que ambos os pais nunca estudaram (481,16 menor média), trazendo o percentual de diferença entre os níveis de escolaridade dos pais.

Tabela 2 – Diferença percentual no desempenho na redação do ENEM 2021 por grau de escolaridade dos pais, comparado ao rendimento dos candidatos de pais que nunca estudaram.

Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe						
	Nunca estudou	Fund. I Incomp.	Fund. I Comp.	Fund. II Completo	Ensino Médio	Ensino Sup.	Pós-grad.
Nunca estudou	481,16	9,88	13,11	14,07	17,79	26,38	23,26
Fund. I Incompleto	6,75	10,65	17,32	20,16	23,23	30,54	31,53
Fund I Completo	13,59	18,48	17,27	21,37	27,81	33,85	35,18
Fund. II Completo	15,78	21,34	22,70	20,33	28,61	36,23	37,74
Ensino Médio	14,79	23,21	26,99	28,43	32,01	40,37	42,88
Ensino Superior	18,19	28,92	34,33	37,38	42,08	49,75	52,70
Pós-graduação	18,46	23,85	33,15	36,33	43,34	54,35	55,74

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Assim como ocorreu na prova objetiva, os dados da prova de redação evidenciam a influência da escolaridade dos pais no desempenho dos candidatos. Verifica-se que os percentuais de diferença da menor média 481,16 – quando ambos os pais nunca estudaram – segue o caminho crescente conforme o nível de instrução formal aumenta. Se na prova objetiva os estudantes do grupo em que ambos os pais possuíam pós-graduação obtiveram um resultado médio superior em 31,84% –

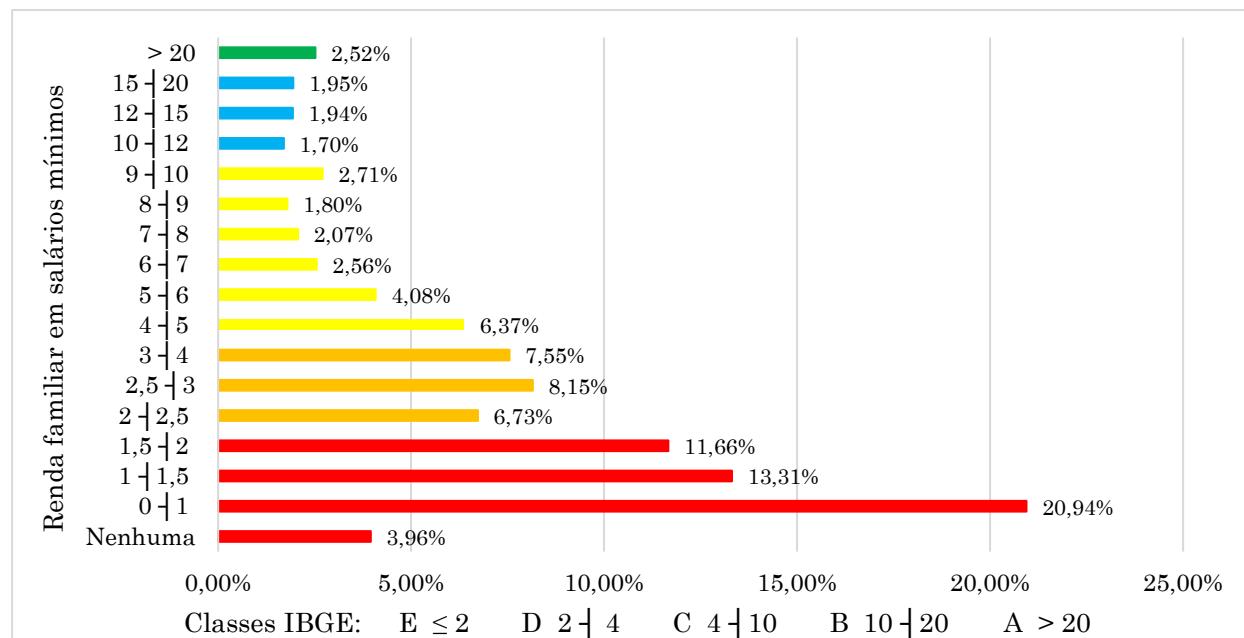
quando comparados aos candidatos do grupo em que os pais nunca frequentaram a escola – na redação este percentual se eleva consideravelmente, alcançando 55,74%.

Ao considerar o nível de escolaridade dos pais no desempenho do exame a partir dos dados analisados, pode-se afirmar que o nível cultural destes impacta diretamente nos resultados obtidos no ENEM, com percentuais significativamente maiores na redação. Conforme aponta Bourdieu (2007, p. 46) “a parte mais importante e mais ativa (escolarmente) da herança cultural, quer se trate da cultura livre ou da língua, transmite-se de maneira osmótica”, de fato, a transmissão cultural passiva aparenta produzir maiores “conhecimentos” e “aptidões” no domínio da língua culta adotada no exame.

3 Desempenho escolar no ENEM 2021: uma análise a partir do estrato de renda, da rede de ensino e da cor/raça do estudante

A variável renda, no questionário socioeconômico do ENEM 2021, é dividida em 17 níveis, partindo dos candidatos sem nenhum rendimento até alcançar os que possuem renda acima de vinte salários mínimos. O gráfico 1 apresenta o percentual de candidatos distribuídos por estrato de renda familiar.

Gráfico 1 – Percentual dos candidatos no ENEM 2021 por estrato de renda familiar.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Para facilitar a visualização, foram utilizadas cinco cores diferentes representando a estratificação de classes adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A classe E é a que possui renda familiar de até 2 salários mínimos, a classe D de 2 até 4, a classe C de 4 a 10, a classe B de 10 a 20 e a classe A acima de 20 salários mínimos.

A distribuição dos candidatos por renda demonstra a concentração de estudantes na base da pirâmide: 49,87% está inserido na classe E, com destaque para 3,96% dos candidatos, cujas famílias não possuem nenhuma renda e de 20,94% em que se concentra a maior faixa de candidatos, ou seja, nas famílias que possuem renda acima de zero até um salário mínimo. Em sequência, os candidatos da classe D representam 22,43%, Classe C 19,59%, Classe B e A 5,59% e 2,52%, respectivamente. Pode-se aferir que o gráfico 1 representa a composição da distribuição de renda da sociedade brasileira. Grande parte com renda de até dois salários mínimos, na base da pirâmide, e uma minoria de ricos no topo.

A tabela 3 apresenta o desempenho dos estudantes a partir do estrato da renda familiar na qual estão inseridos, da menor para maior renda, tanto na prova objetiva quanto na redação.

Tabela 3 – Desempenho dos candidatos no ENEM 2021 na prova objetiva e na redação, por estrato de renda familiar e diferença percentual entre cada estrato de renda.

Renda Familiar	Prova Objetiva			Redação		
	Média	Dif. Nível Anterior	Diferença Acumulada	Média	Dif. Nível Anterior	Diferença Acumulada
0	458,54	-	-	528,54	-	-
0 + 1	471,28	2,78%	2,78%	561,04	6,15%	6,15%
1 + 1,5	493,45	4,70%	7,61%	600,21	6,98%	13,56%
1,5 + 2	504,69	2,28%	10,07%	617,80	2,93%	16,89%
2 + 2,5	517,28	2,49%	12,81%	635,44	2,86%	20,23%
2,5 + 3	523,59	1,22%	14,19%	649,19	2,16%	22,83%
3 + 4	535,92	2,36%	16,88%	667,54	2,83%	26,30%
4 + 5	546,48	1,97%	19,18%	686,26	2,80%	29,84%
5 + 6	554,62	1,49%	20,95%	700,45	2,07%	32,53%
6 + 7	561,00	1,15%	22,35%	710,77	1,47%	34,48%
7 + 8	565,60	0,82%	23,35%	717,91	1,01%	35,83%
8 + 9	570,09	0,79%	24,33%	725,34	1,03%	37,24%
9 + 10	578,28	1,44%	26,11%	736,42	1,53%	39,33%
10 + 12	585,24	1,20%	27,63%	745,83	1,28%	41,11%
12 + 15	593,19	1,36%	29,37%	755,32	1,27%	42,91%
15 + 20	600,92	1,30%	31,05%	768,33	1,72%	45,37%

> 20	612,48	1,92%	33,57%	780,28	1,56%	47,63%
------	--------	-------	--------	--------	-------	--------

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Para evidenciar a relação renda e desempenho escolar, a tabela 3 também traz a diferença percentual a cada avanço no estrato de renda e acumulada, na média do desempenho no exame. Em nenhum estrato – quando se analisou os resultados da prova objetiva – a média do desempenho de uma faixa de renda inferior conseguiu valores superiores à média do estrato seguinte. A sequência de rendimento médio no exame acompanhou estritamente o aumento da renda. Os resultados da tabela 3 apontam uma realidade escolar distinta e atrelada ao contexto socioeconômico de cada candidato. Os desempenhos no ENEM 2021 são positivamente proporcionais à renda – os maiores resultados são observados conforme se aumenta a renda familiar dos candidatos. A média na prova objetiva, no estrato em que a renda familiar está acima de vinte salários mínimos, obteve uma nota 33,57% maior do que os estudantes sem nenhuma renda.

Se na média da prova objetiva os resultados mostraram que, conforme aumenta a renda, maior é a distância percentual para o estrato dos candidatos sem rendimento, na redação ocorreu o alargamento dessas diferenças. Os candidatos inseridos no grupo de maior renda obtiveram um desempenho médio na redação 47,6% superior aos candidatos do primeiro estrato. A partir dos dados descritivos, ficou evidente o efeito da renda tanto na prova objetiva quanto na redação. Nesta última, se registrou uma diferença percentual significativamente superior, situação similar à registrada quando analisada a relação com a escolaridade dos pais. O que, em certo ponto, corrobora com uma análise de transferência de capital cultural de forma “naturalizada” nas vivências sociais e cotidianas de uma sociedade que legitima a cultura das classes dominantes e os modos de fala e escrita desses são tomados como padrões. Tais resultados vão ao encontro das afirmações de Bourdieu sobre a relação direta e estreita entre nível socioeconômico e desempenho escolar (Bourdieu e Passeron, 2012, 2015; Bourdieu, 2007).

A seguir são apresentadas as médias dos resultados dos estudantes no ENEM 2021 por unidade da federação (UF). Deve-se destacar, no entanto, que a intenção da abordagem realizada não é a de avaliar a rede escolar em si e a qualidade do ensino oferecido por cada Estado, mas enfatizar a desigualdade no perfil

socioeconômico dos estudantes e a relação desta com os resultados. As redes escolares não estão sendo tratadas como variáveis independentes, mas sim correlacionadas ao perfil familiar dos estudantes, por unidade da federação.

A tabela 4 traz a média dos resultados na prova objetiva, na redação e a nota final no exame, ranqueada e ordenada a partir das maiores médias da nota final do ENEM 2021, de forma decrescente, por unidade da federação.

Tabela 4 – Desempenho dos candidatos por UF, da maior para menor nota final no ENEM 2021.

UF	Média Objetiva	Redação	Nota Final	Diferença na Nota Final
MG	541,43	682,84	569,71	-
SP	540,46	648,96	562,16	1,3%
RJ	534,04	670,27	561,28	1,5%
SC	534,35	643,56	556,19	2,4%
RS	532,17	649,27	555,59	2,5%
DF	530,47	640,09	552,39	3,1%
RN	522,30	669,96	551,83	3,2%
ES	524,92	657,45	551,43	3,3%
PR	527,74	622,77	546,74	4,2%
SE	508,16	671,86	540,90	5,3%
PB	505,20	658,07	535,77	6,3%
PI	502,19	657,45	533,24	6,8%
PE	506,35	636,31	532,35	7,0%
MS	510,12	620,78	532,25	7,0%
MT	506,73	630,20	531,42	7,2%
AL	502,33	645,85	531,03	7,3%
GO	506,61	626,11	530,51	7,4%
BA	504,25	631,85	529,77	7,5%
PA	489,20	635,47	518,45	9,9%
RR	497,43	587,35	515,42	10,5%
RO	491,74	604,72	514,34	10,8%
AC	490,88	605,17	513,74	10,9%
TO	487,62	604,69	511,04	11,5%
MA	483,55	611,59	509,16	11,9%
AP	483,63	598,38	506,58	12,5%
CE	482,92	573,52	501,04	13,7%
AM	468,18	535,77	481,70	18,3%
Brasil	517,37	636,74	541,24	-

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Ao analisar os resultados do desempenho médio dos estudantes obtidos no ENEM 2021, por unidade da federação, Minas Gerais apresentou a maior média (569,71) na nota final, seguida pelos estados de São Paulo com 562,16 e Rio de

Janeiro com 561,28. Entre as médias mais baixas, Amazonas com 481,70 teve o pior resultado, seguido do Ceará com 481,70 e do Amapá com 506,58. A análise por unidade da federação destacou que as diferenças socioeconômicas entre os estados são espelhadas no sistema de ensino, com as melhores médias apresentadas nos estados das regiões mais ricas. O que pode influenciar diretamente no preenchimento de vagas do ensino superior, sobretudo em cursos de alta concorrência com disputa nacionalizada, por meio do SISU⁸.

Para analisar os resultados contextualizados ao perfil socioeconômico dos estudantes, a tabela 5 apresenta o percentual dos candidatos no ENEM 2021 detalhados conforme classificação de renda adotada pelo IBGE, por UF.

Tabela 5 – Percentual dos candidatos no ENEM 2021, por estrato de renda, a partir da classificação de classes do IBGE, por unidade da federação.

UF	≤ 2	2 - 4	4 - 10	10 - 20	> 20
RO	53,37	25,91	16,54	3,08	1,10
AC	63,64	16,37	15,83	3,38	0,77
AM	75,04	12,97	9,08	2,04	0,86
RR	50,29	23,14	20,30	4,85	1,42
PA	67,01	16,65	12,49	2,68	1,16
AP	59,35	16,37	18,50	4,65	1,14
TO	55,25	21,38	16,83	4,69	1,85
MA	72,59	14,25	9,99	2,22	0,96
PI	68,59	15,17	11,95	3,12	1,16
CE	84,84	7,83	5,02	1,63	0,68
RN	59,30	18,90	15,50	4,71	1,58
PB	69,36	14,99	10,96	3,24	1,45
PE	67,95	14,92	11,63	3,53	1,97
AL	65,45	16,86	13,01	3,29	1,39
SE	64,65	16,50	13,72	3,59	1,53
BA	64,91	16,93	13,18	3,42	1,56
MG	38,88	27,39	23,92	6,88	2,93
ES	49,23	25,76	18,30	4,66	2,05
RJ	40,77	23,30	23,66	8,16	4,12
SP	29,69	29,19	28,67	8,38	4,07
PR	30,49	32,37	27,69	6,86	2,59
SC	25,87	33,91	30,92	6,76	2,54
RS	35,83	29,48	25,01	6,83	2,85
MS	43,26	26,42	22,50	5,67	2,16
MT	39,34	28,44	23,48	6,13	2,61
GO	51,09	25,66	17,17	4,18	1,90
DF	37,17	18,76	24,97	12,87	6,23

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

⁸Com a adoção do SISU para ingresso no Ensino Superior, a concorrência em cursos de alta demanda nas universidades federais e estaduais deixou de ser regionalizada e passou a ser nacional. A partir do SISU, o candidato pode escolher até duas opções de curso para concorrer, em qualquer parte do país, contribuindo na ampliação da mobilidade geográfica na concorrência pelas vagas.

A tabela 5 explicita as desigualdades socioeconômicas de um país continental, refletidas pela diferença de perfil dos estudantes de cada UF. Os estados do Nordeste e do Norte apresentaram os maiores percentuais de estudantes na faixa mais pobre da população, enquanto Sul e Sudeste, os menores. Fica evidente a diferença de distribuição de renda e discrepância no perfil dos estudantes brasileiros. Tal contexto deve ser considerado nos resultados, uma vez que impacta diretamente no rendimento e até mesmo no “ponto de partida” e na situação de cada candidato no ENEM 2021.

Como exemplo, destacou-se em negrito os três estados com os maiores e menores percentuais de candidatos com renda familiar de até dois salários mínimos. Enquanto Ceará, Amazonas e Maranhão registraram 84,84%, 75,04 e 72,59%, respectivamente, dos participantes de sua rede no menor grupo de renda, Santa Catarina, São Paulo e Paraná registraram 25,87%, 29,69% e 30,49%. Não há como ignorar a diferença de perfil dos candidatos entre as unidades da federação.

Todavia, se faz necessário realizar uma observação quanto ao estado do Ceará. Em uma visão inicial enxergam-se os estudantes deste estado como os mais carentes do país, porém, os dados não retratam somente uma visão negativa. Diferentemente do que ocorre em outros estados, em que candidatos são eliminados antes mesmo de fazerem a prova do ENEM, no Ceará há os maiores incentivos (financeiros e apoio) para que “todos” da rede pública realizem o exame, de tal forma que os menos privilegiados não são eliminados previamente.

Apresentadas as desigualdades da renda familiar por unidade da federação, não se pode desconsiderar que os resultados e comparativos estabelecidos na tabela 5 sofrem influência do perfil socioeconômico dos estudantes.

Para estabelecer uma análise do desempenho dos candidatos e uma comparação em contextos mais próximos, a tabela 6 apresenta o desempenho dos candidatos em cada unidade da federação por estrato de renda, na prova objetiva e na redação.

Tabela 6 – Desempenho dos candidatos na prova objetiva e na redação do ENEM 2021, por unidade da federação e estrato de renda.

UF	Prova Objetiva					Redação				
	≤ 2	2 - 4	4 - 10	10 - 20	> 20	≤ 2	2 - 4	4 - 10	10 - 20	> 20
RO	472,60	499,40	524,75	557,84	558,84	566,61	624,55	667,48	715,70	732,83

AC	471,67	503,06	538,95	544,04	598,79	560,99	633,00	719,09	737,33	742,35
AM	451,81	494,83	529,73	571,17	599,63	503,44	588,37	662,26	729,17	767,52
RR	476,62	502,96	526,61	547,43	556,91	557,24	591,05	630,21	661,38	728,24
PA	468,84	509,54	543,39	573,11	593,16	592,81	685,26	745,96	793,92	823,65
AP	461,20	495,47	521,32	558,19	565,82	552,74	616,35	679,23	758,98	749,17
TO	460,69	496,38	533,10	564,65	582,00	554,42	622,89	690,09	736,73	784,15
MA	466,21	508,60	540,52	586,95	591,50	574,55	671,06	736,62	792,87	809,55
PI	476,93	530,40	569,08	615,59	632,96	608,17	724,25	795,00	827,30	823,57
CE	469,43	533,92	575,52	598,79	617,60	544,17	699,42	768,29	796,90	814,80
RN	496,17	538,43	567,00	602,09	633,12	623,37	698,90	753,71	809,26	835,12
PB	482,88	531,89	565,95	603,48	617,75	618,06	710,73	772,07	809,39	827,08
PE	483,55	530,58	562,42	597,80	614,87	597,95	677,42	734,91	782,15	805,04
AL	481,28	522,49	552,93	575,09	602,97	608,16	685,92	735,59	769,75	801,01
SE	483,20	530,37	565,02	587,70	626,58	626,54	714,41	776,74	814,56	852,75
BA	481,00	524,72	556,39	596,44	607,22	587,38	677,01	734,37	783,87	792,46
MG	504,03	538,96	574,63	608,83	631,67	613,56	680,63	749,03	795,22	818,55
ES	498,05	528,12	563,96	598,65	614,10	609,65	662,49	727,78	786,17	821,21
RJ	499,01	530,87	562,71	594,91	613,51	604,96	666,87	724,35	781,17	805,81
SP	505,63	531,28	560,64	592,89	610,04	592,69	635,49	682,95	730,83	747,89
PR	494,74	518,88	552,41	587,96	603,50	572,46	610,16	660,49	710,56	736,67
SC	499,78	524,74	555,73	590,32	605,44	591,61	627,60	677,95	724,62	751,28
RS	497,78	528,58	559,60	594,16	612,27	592,26	641,77	695,16	754,60	788,10
MS	478,99	509,14	544,77	579,12	603,70	562,82	622,85	684,17	744,57	771,16
MT	477,61	505,08	531,68	570,91	588,47	576,42	625,74	680,69	738,75	780,16
GO	477,84	511,84	551,71	593,57	610,79	566,48	639,74	723,28	791,03	804,14
DF	489,02	514,09	549,62	592,10	623,03	578,66	615,54	670,84	729,32	772,95

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

A tabela 6 reforça o pressuposto de que as notas dos candidatos aumentam conforme se eleva a sua renda familiar. A situação foi registrada em todas as unidades da federação. Entretanto, quando se isolou os candidatos por estrato de renda em cada unidade da federativa, outros pontos chamaram a atenção. O primeiro é o comparativo de desempenho médio apresentado na prova objetiva entre as unidades da federação. Lembremos que os estados da região Sudeste, no resultado médio geral da prova objetiva (tabela 4), quando não se considerava o grupo da renda dos candidatos, obtiveram os três melhores resultados. Entretanto, quando comparados os resultados da prova objetiva dos candidatos isolados por estrato de renda, alguns estados do Nordeste aparecem entre as três melhores médias em diversos grupos.

Para facilitar a análise, foram destacadas em negrito e sublinhadas, na tabela 6, as três melhores médias por faixa de renda. Nota-se que, excluindo Minas Gerais – que no geral possui o melhor desempenho médio e entre os estratos de

renda, aparece entre as três melhores posições em todos os grupos – e São Paulo – que se destacou nas duas primeiras faixas de renda – nas demais faixas de renda os estados do Nordeste apresentaram notas similares e até mesmo superiores as dos estados do Sul e do Sudeste na prova objetiva. No caso do Ceará, por exemplo, na tabela 4, quando analisado o resultado médio e, desconsiderando o perfil de renda, obteve a penúltima pior média entre as unidades da federação. Situação diferente foi constatada quando se comparou o desempenho por estrato de renda. Na comparação dos candidatos com as mesmas características econômicas, ou seja, mesma faixa de renda, os candidatos do Nordeste foram capazes de concorrer em “pé de igualdade” com os do Sul e do Sudeste. Já os estudantes do Norte, mesmo na comparação por estrato de renda, apresentaram os piores desempenhos.

Assim como ocorrido na prova objetiva, os resultados da redação divididos por estratos confirmam a relação entre o aumento da renda e a elevação na média das notas obtidas pelos candidatos, mas principalmente abrem margem de discussão sobre o desempenho comparativo entre os candidatos por unidades da federação. Mais uma vez, chamou atenção o resultado dos estudantes do Nordeste que, em todos os grupos de renda, obtiveram as três melhores médias. O destaque vai para Paraíba e Sergipe, que em todos os grupos obtiveram médias entre as três melhores.

Tal dado levanta uma interrogação: será que as redes de ensino do Sudeste e do Sul são realmente superiores e proporcionam uma educação de melhor qualidade, quando comparadas às demais regiões ou somente refletem as condições socioeconômicas de seus estudantes? Fica evidente que o ponto de partida dos estudantes é diferente.

Seguindo o detalhamento dos dados do ENEM 2021, a tabela 7 apresenta o desempenho médio dos estudantes na prova objetiva e na redação, e o resultado final por dependência administrativa da escola.

Tabela 7 – Desempenho médio, por dependência administrativa da escola.

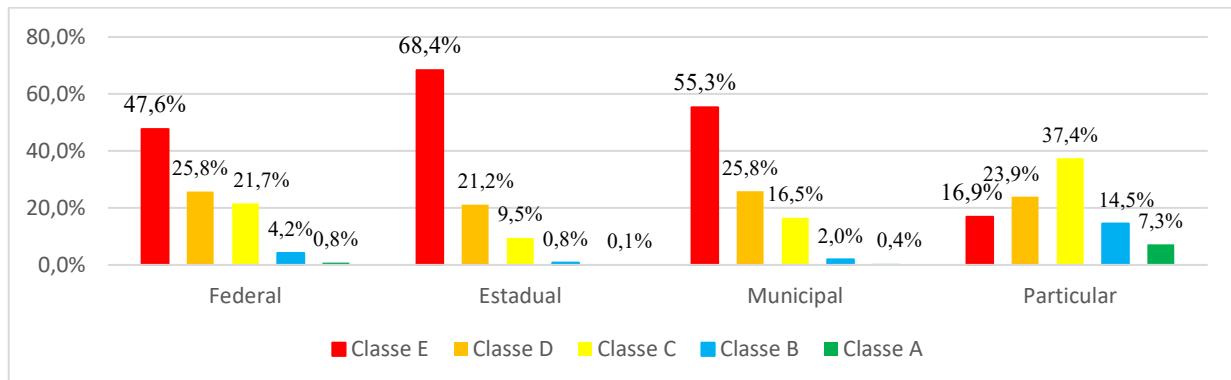
Área de Conhecimento	Média Nacional			
	Federal	Estadual	Municipal	Particular
Média Objetiva	561,06	486,10	500,07	565,06
Redação	705,95	575,58	588,46	733,82
Nota Final	590,04	504,00	517,75	598,81

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

O resultado mostra a rede particular com as maiores notas, tanto na prova objetiva quanto na redação. Os alunos oriundos da rede federal apresentaram resultados muito próximos aos da rede particular. Diferentemente do observado nas redes estaduais e municipais que recebem os maiores quantitativos de discentes das camadas populares e tiveram resultado consideravelmente mais baixos.

O desempenho médio dos candidatos da rede federal foi de 0,7% menor na prova objetiva e 3,9% na redação, comparados à rede particular. Mesmo recebendo candidatos em condições socioeconômicas muito diferentes da rede particular (gráfico 2), os resultados são muito próximos, ainda que sem isolar quaisquer características socioeconômicas. Já a diferença em relação às redes estadual e municipal é de 16,2% e 13% na prova objetiva e na redação de 27,5% e 24,7% respectivamente. Os dados do gráfico 2 evidenciam a diferença do perfil socioeconômico dos estudantes nas redes Federal, Estadual, Municipal e Particular.

Gráfico 2 – Distribuição por dependência administrativa da escola e das classes econômicas.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Conforme apresentado na barra em vermelho, os candidatos de renda de até dois salários mínimos são a grande maioria nas escolas estaduais (68,4%), seguidos da rede municipal com 55,3%, da federal com 47,6%, e com menor percentual a rede particular com 16,9%. Já quando se analisa os candidatos com renda *per capita* familiar acima de quatro salários mínimos, a rede particular de ensino possui os maiores percentuais. Tal diferença de perfil socioeconômico dos estudantes influencia diretamente nos resultados dos exames, se fazendo necessário um detalhamento do desempenho a partir das faixas de renda.

Para comparar o rendimento médio dos candidatos dentro de cada dependência administrativa, levando em conta a variável renda familiar, foram comparados o desempenho médio no ENEM 2021 dentro de cada faixa de renda, conforme demonstrado na tabela 8.

Tabela 8 – Desempenho médio na prova objetiva e na redação, por dependência administrativa e estrato de renda familiar.

Renda Familiar	Média na Prova Objetiva				Média na Redação			
	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Federal	Estadual	Municipal	Particular
0	506,54	452,91	450,47	524,54	648,15	515,74	502,20	671,98
0 - 1	523,28	465,01	461,58	515,74	672,63	545,83	531,91	685,42
1 - 1,5	542,59	483,15	487,17	527,32	690,47	575,77	569,86	696,67
1,5 - 2	552,02	491,15	497,73	534,04	695,31	585,15	588,64	701,82
2 - 2,5	565,06	500,75	511,20	542,06	707,84	595,23	604,18	708,42
2,5 - 3	564,95	504,21	518,53	546,22	707,74	601,57	619,19	714,84
3 - 4	575,60	512,76	522,31	555,23	717,86	612,72	622,50	722,05
4 - 5	582,29	518,02	534,72	561,47	723,13	619,20	647,51	728,85
5 - 6	589,90	523,63	540,71	566,42	732,41	627,84	660,67	734,93
6 - 7	597,98	526,82	541,80	571,16	741,76	631,94	643,06	741,20
7 - 8	600,09	530,93	547,56	573,50	750,83	635,23	650,00	742,63
8 - 9	606,33	533,08	541,70	577,12	752,56	639,17	632,37	747,24
9 - 10	607,76	540,30	561,23	583,46	752,54	646,15	645,51	753,21
10 - 12	612,36	547,52	577,67	588,81	754,95	655,78	707,00	758,79
12 - 15	623,57	545,64	541,51	596,47	766,79	647,57	619,39	766,35
15 - 20	628,71	557,03	564,05	602,69	774,77	663,01	650,48	775,31
> 20	643,04	557,60	537,84	613,56	780,45	664,64	631,76	783,97

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Quanto ao desempenho das redes de ensino estadual e municipal, seja na prova objetiva ou na redação, mesmo analisando os dados por estratos de renda, os resultados e as diferenças de rendimentos foram significativamente inferiores, quando comparados aos diagnosticados nas escolas particulares e federais.

Porém, se na análise sem nenhum filtro que considera o fator renda a rede particular se sobressai perante as demais, quando se compara o resultado da prova objetiva por faixas de renda, a situação não se mantém em relação à rede federal. Conforme os dados da tabela 8, a rede federal de ensino conseguiu melhores médias que os candidatos da rede particular em dezesseis das dezessete faixas de renda.

Nos resultados específicos da redação (tabela 7), sem considerar o detalhamento por renda, os estudantes da rede privada alcançaram uma média de 733,82, seguidos pela rede federal com 705,95 e, posteriormente, pelas redes

municipal e estadual com 588,46 e 575,58, respectivamente. Já na tabela 8, quando são analisados os grupos por estrato de renda familiar, o resultado médio na redação, se comparadas as escolas particulares e federais, praticamente não existem diferenças. Se na prova objetiva, na comparação por estratos de renda, a rede federal superou a particular, na redação conseguiu praticamente igualar o desempenho.

Os dados demonstram que, independente da esfera administrativa da escola, seja na prova objetiva ou na redação, as médias dos candidatos seguiram estreitamente relacionadas com a sua renda familiar. Havendo destaques nos resultados obtidos pela rede federal de ensino, quando comparado por estrato de renda, ela competiu em “pé de igualdade” com a rede privada.

Dando continuidade à discussão, mostrou-se necessário detalhar as desigualdades socioeconômicas relacionadas à cor/raça⁹, presentes na educação brasileira. A tabela 9 indica o desempenho por cor na prova objetiva, na redação e na nota final do exame, bem como as diferenças percentuais dos candidatos pretos, pardos, amarelos e indígenas, comparados aos estudantes declarados brancos.

Tabela 9 – Desempenho dos candidatos no ENEM 2021, por cor, na prova objetiva, na redação, na nota final no exame e diferença percentual dos estudantes pretos pardos, amarelos e indígenas, comparados aos brancos.

Área de Conhecimento	Média Brasil					Dif. % em relação aos brancos			
	Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Indígena	Preto	Pardo	Amarelo	Indígena
Objetiva	540,57	492,11	494,39	519,64	462,34	9,8	9,3	4,0	16,9
Redação	672,74	598,64	602,10	638,12	525,86	12,4	11,7	5,4	27,9
Nota Final	567,01	513,41	515,93	543,34	475,05	10,4	9,9	4,4	19,4

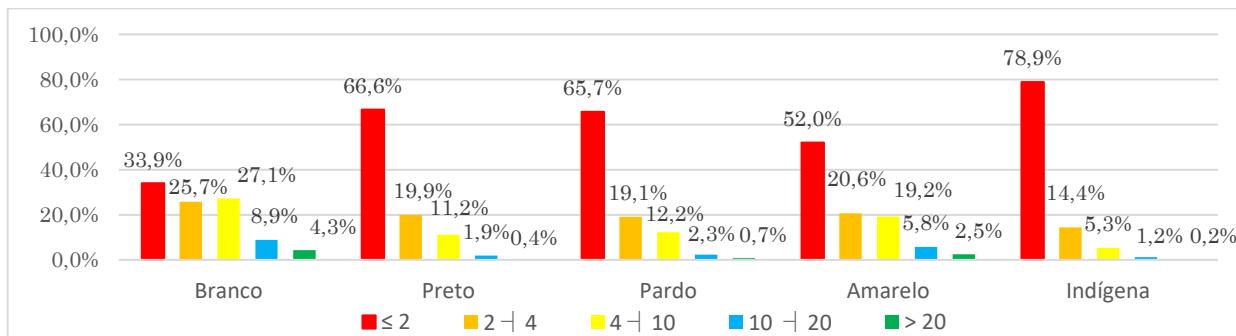
Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Os dados destacam as maiores notas dos brancos em ambas as provas – objetiva e redação. Na sequência, segue o rendimento dos amarelos, pardos, pretos e indígenas, que finalizam com a pior média de notas. Destaca-se a maior diferença percentual para os candidatos brancos, registrada na redação, sendo os pretos e indígenas os mais influenciados. Para contextualizar este resultado, faz-se necessário expor o contexto em que cada grupo de candidatos está inserido. O

⁹A terminologia “cor/raça” aqui utilizada é a mesma adotada no questionário socioeconômico e nos microdados do ENEM 2021. Neste trabalho, não entramos no mérito se é a mais adequada.

gráfico 4 demonstra a distribuição dos candidatos por renda familiar e cor/raça, a partir da classificação de renda por classe adotada pelo IBGE.

Gráfico 4 – Distribuição percentual dos candidatos por renda familiar e cor/raça.

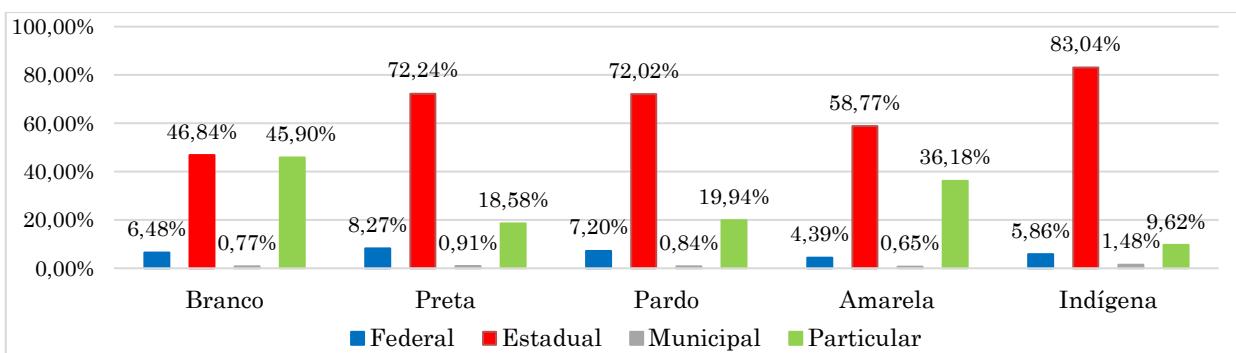


Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

Os dados evidenciam a melhor condição de renda dos brancos quando comparados aos demais. Na camada mais pobre da população – ou seja, a classe E – dentro do grupo dos indígenas 78,9% pertencem a este estrato, já os pretos são 66,6% e os pardos são 65,7%, possuindo estes três estratos mais que o dobro percentual dos brancos com 33,9%. Já da classe C em diante, a situação é invertida, os brancos representam a maioria. Tal distribuição deve ser considerada quando comparado o resultado geral por cor/raça, dadas as condições diferentes entre os candidatos.

O gráfico 5 registra a distribuição percentual, por dependência administrativa da escola e cor/raça, do candidato.

Gráfico 5 – Distribuição percentual dos candidatos por cor/raça e dependência administrativa da escola.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

A situação de desigualdade também ocorre no acesso às escolas particulares, onde a maioria das vagas são ocupadas por brancos. Os indígenas com 83,04% são o

grupo com maior percentual de seus estudantes na rede estadual, seguidos dos pretos com 72,24% e pardos com 72,02%. Já os candidatos brancos, seguidos dos amarelos, possuem o menor percentual advindos da rede estadual com 46,84% e 58,77%, respectivamente.

Quando analisamos a rede federal, os dados apresentam uma divisão mais igualitária. Os pretos com maior percentual de estudantes do grupo acessando as escolas federais somam 8,27%, seguidos dos pardos 7,2% e brancos com 6,48%. Apesar de o acesso à rede federal ser mais concorrido, os dados demonstram o possível efeito das cotas e uma maior equidade de distribuição das vagas entre as raças, fato diferente do registrado na rede particular.

O percentual de candidatos por cor/raça que acessam a rede particular apresenta a distribuição inversa do registrado na rede estadual. Verifica-se que 45,90% dos brancos e 36,18% dos amarelos vem da rede particular. Enquanto os pardos, pretos e indígenas registram apenas 19,94%, 18,58% e 9,62%, respectivamente, de candidatos oriundos de escolas particulares. A rede particular ainda se coloca como um “lugar” de brancos. Tal situação evidencia a composição social do país, com menor quantidade de pretos, pardos e indígenas nas camadas da população com melhores condições financeiras e acesso a serviços particulares.

Seguindo a análise por cor/raça dos candidatos do ENEM 2021, a tabela 10 evidencia a diferença de resultados por dependência administrativa das escolas.

Tabela 10 – Desempenho na prova objetiva e na redação, por cor/raça e dependência administrativa da escola.

Cor/raça	Objetiva				Redação			
	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Federal	Estadual	Municipal	Particular
Branco	580,78	503,16	520,48	573,41	724,74	600,45	615,60	740,14
Preto	538,88	476,11	484,61	533,86	680,78	562,50	568,02	704,07
Pardo	544,15	475,16	481,94	546,44	691,24	560,28	565,98	722,49
Amarelo	551,51	483,75	491,57	574,59	686,54	577,34	565,56	732,28
Indígena	500,41	454,32	436,79	512,31	626,76	504,35	426,29	665,26

Fonte: Elaboração própria, a partir dos microdados do ENEM 2021.

No desempenho médio da prova objetiva, a rede federal, no grupo de candidatos brancos e pretos, tem uma média superior a da rede particular. Esta última obteve os melhores rendimentos entre os candidatos pardos, amarelos e indígenas. Já na redação, a rede particular teve os melhores resultados em todas as

cores/raça. Na comparação do desempenho por cor/raça, a tendência em todas as dependências administrativas é de um rendimento maior dos brancos, seguido pelos amarelos, pardos, pretos e, por último, os indígenas.

É importante destacar que independente do desempenho médio obtido no exame em cada uma das dependências administrativas, se mantém a diferença entre cada grupo de cor/raça e prevalece o resultado médio com vantagem para os brancos. Ou seja, mesmo quando há um melhor desempenho escolar, as diferenças raciais são mantidas dentro de cada dependência administrativa. Nesse quesito, a rede particular foi a que registrou os menores índices de variação dos resultados dos candidatos por cor/raça. Ou seja, os candidatos pretos, pardos e indígenas matriculados na rede particular apresentaram resultados mais próximos dos brancos, apesar de serem minoria neste tipo de instituição de ensino.

Não há como “fechar os olhos” para as desigualdades raciais na educação brasileira. Colocar o “dedo na ferida”, ou aqui neste trabalho destacar e evidenciar as desigualdades a partir dos microdados do ENEM visa contribuir e até mesmo subsidiar o debate. Seguimos a própria discussão trazida nos cadernos do INEP, de que “racializar as estatísticas educacionais é uma tarefa que se justifica à luz de uma determinada perspectiva teórico-conceitual, interessada em visibilizar disparidades, sustentar determinadas análises e propor estratégias de superação dos desafios” (Senkevics, Machado, Oliveira, 2016, p. 11).

Considerações finais

Os dados do ENEM 2021 evidenciam a grande desigualdade educacional no Brasil. A diferença no desempenho dos estudantes, seja quando há comparação por regiões e unidades da federação, seja pela dependência administrativa da escola e, principalmente, pelo perfil socioeconômico, revela que o caminho dos mais pobres continua marcado, mesmo na atualidade, por maiores dificuldades.

Dessa forma, mesmo com a expansão e a democratização do acesso escolar, as desigualdades, marcadas pela origem socioeconômica do estudante, ainda se mantêm no universo escolar. A família continua exercendo influência significativa no desempenho do estudante, seja pela transmissão da herança cultural e do

conhecimento como na disponibilização de recursos para o seu acesso e a sua permanência. Tanto o capital cultural quanto o econômico se mostraram grandes aliados de quem os possui e inimigos dos que dependem do sistema educacional para acessá-los e trilhar o caminho da sonhada mobilidade social.

As escolas estaduais, que recebem o maior número de estudantes, sobretudo os mais carentes, ainda encontram dificuldades em conseguir avançar e combater as desigualdades educacionais. Todavia, o desempenho dos estudantes das escolas federais nutre e mostra caminhos para alcançar melhores resultados na educação pública brasileira, além de renovar a esperança de que políticas que combatam as desigualdades possam avançar no país. O que demonstra que investimentos direcionados às políticas educacionais que entregam uma educação de qualidade e com acesso democrático, possuem o poder de romper com determinismos sociais.

Retomar o debate sobre privilégios fortemente constatados que os ricos, sobretudo os brancos, ainda desfrutam no sistema escolar brasileiro, não se trata de uma posição conservadora. É um fomento para a discussão e a avaliação dos resultados escolares, dando ênfase à estratificação apresentada no desempenho a partir do perfil socioeconômico dos estudantes, destacando políticas que contribuam no caminho de uma educação pública democratizada de qualidade. Faz-se necessário ir além de um relato ou uma constatação, mas um alerta e um chamamento para a busca contínua de uma educação que combata as desigualdades estruturais enraizadas em nossa sociedade. Parafraseando Paulo Freire (2000) “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Bibliografia

BONAMINO, Alicia *et al.* Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 487-499, 2010.

BOUDON, Raymond. *Education, opportunity, and social inequality: Changing prospects in western society*, 1974.

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Editora UFMG, 2008.

FREIRE, Paulo Freire. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, Atlas, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Patrimónios Individuais de Disposições - Para uma sociologia à escala individual*, 2005.

MARTUCCELLI, Danilo. *Lecciones de sociología del individuo*. Lima: Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Católica del Perú, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins, NOGUEIRA, Maria Alice. *Bourdieu & a educação*. Autêntica, 2016.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo social*, v. 17, p. 335-350, 2005.

SENKEVICS, Adriano Souza; MACHADO, Taís Santanna; OLIVEIRA, Adolfo Samuel. *A cor ou raça nas estatísticas educacionais*. Textos para discussão, n. 41, p. 52-52, 2016.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu. *Cadernos Ceru*, v. 9, p. 45-55, 1998.

VIANA, Maria José Braga. *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*. 264 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 1998.

VOIGT, Lucas. Uma análise do desenvolvimento conceitual da sociologia de Pierre Bourdieu a partir da obra “os herdeiros”. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 6, n. 10, p. 234-268, 2018.

Recebido em: Julho de 2024
Aceito em: Novembro de 2024

COMO REFERENCIAR

ZACCHI, Raquel Callegario; MENEZES, Daniel Teixeira de; NEY, Marlon Gomes. Desigualdades sociais e desempenho escolar no Brasil: o que revelam os microdados do ENEM 2021?. *Latitude*, Maceió, v. 18, n. 2, p. jul.-dez., 2024.